



Editorial

A presente edição da *Aurora* traz, exclusivamente, o dossiê comemorativo “Michel Foucault: 50 anos de *As palavras e as coisas* e 40 anos de *A vontade de saber*”. O dossiê, organizado por Cesar Candiotto, encontra-se dividido em duas partes, uma para cada obra em pauta. Três artigos que compõem o “Fluxo Contínuo”.

O artigo inaugural da Primeira Parte do dossiê, “Dans les ‘archives’ de l’Archeologie”, de Philippe Sabot, move-se desde a pergunta acerca da possível leitura a ser feita de *As palavras e as coisas*, no presente, em relação àquelas de seus primeiros leitores, a meados dos anos 60, do século passado. Pois, segundo o autor uma “primeira resposta se impõe. A obra de 1966, esta singular “‘arqueologia das ciências humanas’, profundamente inscrita em sua época, (foi escrita) durante os debates que cercaram e acompanharam o estruturalismo em França”. Assim também, é preciso ressaltar que a escrita da obra, em pauta, deu-se “sob as relações privilegiadas que a filosofia francesa pode alcançar depois do começo do século XX com a literatura e a crítica literária”. Por consequência, reler *As palavras e as coisas* parece colocar uma dificuldade ou ao menos uma alternativa: se trata de uma releitura histórica de questões de outra época, a fim de restituir a carga teórica e as jogadas específicas do estilo e, no mesmo passo, avaliar o impacto do “estilo” do pensamento de Foucault ou, ainda, uma releitura crítica e com recuo necessário da época, em vista das diferentes teses avançadas pela arqueologia do saber, a fim de definir, precisamente, o aporte e os limites do ponto de vista da história das ciências e, mais, confrontar a maneira sistemática da marca arqueológica aos outros pressupostos epistemológicos e filosóficos problematizados. As duas possibilidades

não se excluem, mutuamente, podem, ao contrário, combinarem-se na busca do ato de interrogar o projeto arqueológico foucaultiano.

O artigo, “La ética desde *Las palabras y las cosas*”, de Jorge Davila, propõe a compreensão de Foucault da reflexão filosófica ao redor da ética. Tomando como mote uma passagem do Capítulo IX de *As palavras e as coisas*, em que se lê relevante afirmação acerca da ética, em forma de “síntese bem ajustada da história da reflexão filosófica em torno da moral e da ética”. Desde tal síntese, destaca o autor que Foucault “aborda com precisão o assunto”, porém fora a última reflexão, pois compõe parte dos cursos do College de France, dos anos oitenta do século passado. Da referida passagem de *As Palavras*, lê-se: “Hay...algo profundamente ligado a nuestra modernidad: fuera de las morales religiosas, el Occidente no ha conocido..., más que dos formas de ética: la antigua, ya sea en la forma del estoicismo o en la forma del epicureísmo, que se articulaba en el orden del mundo y, ao descobrir la ley de éste, podía deducir de allí el principio de una sabiduría o una concepción de la ciudad... A decir verdad, el pensamiento moderno no ha podido nunca proponer una moral: pero la razón de ello no es que sea pura especulación; todo lo contrario, es desde su inicio y en su propio espesor un cierto modo de acción”.

Em seguida, Salma Tannus Muchail assina o artigo “Ler, traduzir, ensinar”, em que registra e partilha “algumas reflexões’ acerca de tais exercícios filosóficos. Pois, afirma a Autora, “parece-me que *traduzir* textos de filosofia é uma atividade com características aparentadas às de *leitura* filosófica, [...], as que praticamos no *ensino* de filosofia”. Um outro ponto referido “para reflexão reside na hipótese de um possível parentesco entre o trabalho de traduzir e a elaboração de *apresentações* e *prefácios*”. Pois, “como um texto traduzido não deve sobrepor-se ao original, um *prefácio* ou uma *apresentação* não deve ‘antecipar’ a leitura do texto principal”. Ao final do artigo, há considerações acerca do refinamento do ato de traduzir. Para o caso, a distinção entre traduzir uma locução radiofônica de Foucault, jubilosa, e, outra, em que o “júbilo é ‘decegado pela ascese da escritura, contenção que se lê na didática da conferência escrita”. O artigo inclui carta de Foucault enviada à Autora,

com elogio e reconhecimento pela “traduction était de qualité” de *As palavras e as coisas*, datada de 19 de fevereiro de 1982.

Em seguida, Senda Sferco e Tuillang Yuing Alfaro apresenta “El doble pulso de la Historia, ou la duplicidade de ‘Arché’ em *Las palabras y as cosas* de Michel Foucault, interroga a noção da história na obra em questão: “De qué historia se trata en *Las Palabras y las cosas*?” e, para responder será necessário atentar para duas dimensões: uma de conteúdo, outra, metodológica. Segundo os autores, a história aparece na obra, de um lado, “tratada a la manera de un ejercicio filosófico — es decir como una precisa puesta en forma de pensar...,” de outro, “como una temática que el autor desarrolla y revisa, atendiendo tanto a la ‘historia’ de conformación de la disciplina en tanto tal, como a la consideración que se tiene de la historia y el tempo en los distintos saberes convocados”. Contudo, este “tratamiento de la historia a dos voces no es en lo absoluto anódino”. Pois, “por una parte la historia constituye uno de los ejes fundamentales que sostienen la posibilidad misma de la investigación y la peculiaridade de la obra”. De outra, “dentro del relato en que Foucault da cuenta de la conformación de los distintos âmbitos de saber enjuego, [...], al interior de la organización sincrónica y diacrónica de las distintas epistemes”.

O artigo “Discurso filosófico e etnologia. A arqueologia após *As palavras e as coisas*”, de Luca Paltrinieri, explora a concepção foucaultiana de arqueologia, posterior a publicação de *As palavras e as coisas*, e anterior a de *Arqueologia do Saber*. O Autor busca a origem de tal concepção em Kant, Husserl e Gueroult, porém à cada vez com significados discrepantes, estes que Foucault detinha ao conceber a arqueologia como uma “investigação horizontal”, sobre o “nosso” presente. Para o autor, tal concepção “aparece como proximidade com a etnologia, disciplina científica, que Foucault aborda, sobremaneira, em *As palavras e as coisas* e em *O Discurso Filosófico*, texto inédito, em que o Filósofo aplicou a metodologia de livro sobre a história da filosofia de 1966”.

Em “O que nasce do nada”, José Ternes, considera que a obra *Les mots et les choses* fora definida por Foucault “como uma história arqueológica dos saberes modernos”, pois, “é uma história do presente”. Porém, o presente, “denominado de modernidade, configura um

espaço epistemológico, radicalmente, novo”. Vez que os sinais iniciais de tal novidade puderam ser detectados a meados do século XVIII. O Autor refere-se ao *Cogito* envelhecido, desde Kant e o “aparecimento da vida, do trabalho e da linguagem”, assim “o conhecimento por imagens não mais se sustenta”. Assim também, os novos objetos da Filosofia, em especial para a filosofia crítica, afirmam que “conhecer exige haver-se com um campo transcendental, em que o cogito se abre para o não pensamento”. E o sujeito transforma-se em “função do pensamento”. Pois, antes que “representar”, será necessário “inventar”. Movimento que abraza a “possibilidade de algo ausente em toda a história da cultura ocidental: a literatura”. Sem menosprezar as obras literárias de outras épocas, cujo estatuto deveria ser conferido pelos filósofos do presente. Pois, que em “literatura a linguagem comparece em seu ser. Suas verdades (irrealidades) nascem do nada”, como observado na pintura e na música, anteriormente.

O artigo “Michel Foucault e a analítica da finitude”, de Rodrigo Barbosa Lopes, ocupa-se circunscrever a necessidade de diagnosticar o presente. Para tanto, funda-se em duas entrevistas concedidas pelo Filósofo. Uma, a Alain Badiou, em 1965, intitulada *Philosophie et psychologie*, em que examina, criticamente, as relações entre as duas áreas de conhecimento. Na entrevista, Foucault “fez ponderações acerca da tentativa de definir a Psicologia com uma ciência”, porém, sugerindo que “tivesse mais a ver com uma forma cultural”. Após, o Filósofo, identifica a Filosofia e a Psicologia como formas culturais, sendo a Filosofia a forma cultural “mais geral”, pela qual pode-se “refletir sobre o é o Ocidente”. Após, reconhece que a Psicologia e através dela as Ciências Humanas “estão, desde o século XIX, em relações de aproximação e cruzamento com a Filosofia.” A segunda, intitulada “Che cos’è Lei Professor Foucault”, publicada, originalmente, em *La Fiera Letteraria*, em 1967, e em francês sob o título “Qui êtes-vous professeur Foucault?”, de grande repercussão, pois trata de tema suscitado em *As palavras e as coisas*: a crítica das ideologias humanistas. Neste ponto do artigo aparece a reflexão acerca daquilo que o Filósofo nomeou de “analítica da finitude”, em *As palavras e as coisas*, como tarefa filosófica central - a de diagnosticar o presente.

Concluindo a Primeira Parte do dossiê, Claudinei Aparecido de Freitas da Silva assina “Foucault e a arqueologia do impensado: paragens fenomenológicas”. O Autor considera que, para Foucault, a fenomenologia insere-se em um movimento de desconstrução da racionalidade. Tal registro fora “arqueologicamente operado em *As palavras e as coisas*”, sob o “signo de uma subversão radical vinda do lume da ‘modernidade’ em franca oposição à ‘idade clássica’ [...], tendo como pano de fundo algo que se revela *aquém do cogito*: o impensado”. Assim, emergira “a dimensão mais profunda da razão e da *epistemê*, [...], a camada subterrânea pela qual o acontecimento e a historicidade operam sob a superfície do saber”. A nova figura aparecerá na cena filosófica por meio do conceito de alienação (Marx), de inconsciente (Freud) e de “irrefletido” (fenomenologia). Para o autor, Foucault opera o “retorno às coisas mesmas”, porém investido de outro estatuto, a liberar a história da teleologia, de regresso ao presente.

Abrindo a Segunda Parte do dossiê, Vera Portocarrero apresenta o artigo “Classificação em saúde mental e biopolítica”, cujo objetivo é destacar os conceitos “elaborados por Michel Foucault em *As palavras e as coisas* e *História da sexualidade I: a vontade de saber*”, que favorecem a “compreensão da questão das classificações em saúde mental” contemporâneas. Classificações que permitem “aprofundar a problematização da loucura e da saúde, bem como as práticas, que lhes são imanentes, estendidas às concepções de anormalidade e de transtorno mental”. Segundo a autora, a hipótese confirmada, a obra foucaultiana favorece a “instrumentalização” do tema em questão, à medida que o próprio Filósofo fornece aparato conceitual e de método originais para análises críticas, desde pesquisas acerca da loucura, da criminalidade e da sexualidade.

Em seguida, o artigo “Foucault e a História da Sexualidade: da multiplicidade das forças à biopolítica”, de Helton Adverse, objetiva “colocar em destaque seu caráter profundamente inovador (de *História da sexualidade — a vontade saber*)”, ao atentar para a relevância de “dois momentos do percurso que Foucault realiza no livro: a definição de poder como ‘multiplicidade de relações de força’ imanentes ao domínio

político e o conceito de biopolítica". Tais momentos apontam para a crítica do "discurso jurídico-político".

Após, em "Inútil resistir ao dispositivo da sexualidade? Foucault e Butler sobre corpos e prazeres", André Duarte "discute o apelo de Foucault aos corpos e prazeres como instâncias de resistência aos efeitos do dispositivo da sexualidade". Para tanto, aborda "a descoberta foucaultiana do dispositivo da sexualidade". Após, discute a análise de Judith Butler acerca do "modo como Foucault retratou o caso de Herculine Barbin", ao tomá-lo como "estratégico para a sua própria crítica à concepção foucaultiana da resistência". Pois, para Butler, ao "recorrer aos corpos e aos prazeres, Foucault entraria em contradição com sua própria análise genealógica". Por fim, o autor discute, criticamente, "a análise proposta por Butler" e argumenta que Foucault "não tomou o caso de Herculine Barbin como modelo de resistência válido", ao compreendê-lo no âmbito do dispositivo pastoral.

Márcio Alves da Fonseca escreve "Imigração, Estado de direito e biopolítica", em que "procura discutir a atualidade da noção de biopolítica", formulada por Foucault em 1976, tanto no livro *A vontade de saber* quanto no curso *Em defesa da sociedade*. O autor "toma o problema da 'crise de imigração' dos últimos anos, compreendida com uma expressão da biopolítica" em concretizações extremas, à medida "em que revela o acoplamento entre o domínio jurídico-estatal, os mecanismos disciplinares dos corpos e os mecanismos de segurança das populações". O artigo finda por refletir acerca dos "limites do Estado de direito" como uma das "categorias jurídico-políticas" constituída como "paradigma da política ocidental moderna" confrontado aos efeitos da biopolítica, no presente.

Encerrando a Segunda Parte do dossiê, Ariel Fazio assina "Las tesis sobre el poder de Foucault ante el problema de la subsunción". O artigo move-se do conceito marxiano de subsunção, em *O Capital*, à reapropriação do conceito por Marcuse, em *O Homem Unidimensional*, e ao "giro" conceitual de Foucault relativo ao poder, em *A vontade de poder*. Em outro movimento, o artigo aborda a questão contemporânea do conceito em pauta, no âmbito do "autonomismo italiano". Finaliza,

retornando ao Filósofo para indicar o “caminho possível para ensaiar novas respostas ao problema da subsunção”.

O “Fluxo Contínuo” do presente número da *Revista Aurora* apresenta os artigos: “La vie et l’activité de la pensée dans la philosophie de Maine de Biron (1766-1824), de Éric Hamraoui; “Vidas heterotópicas, vidas infames, vidas outras”, de Julia Naidin e “História e Percepção: notas sobre arquitetura e fenomenologia”, de Davide Scarso.

A todos os estudiosos de Filosofia uma boa leitura do dossiê comemorativo das duas obras de Foucault!

Antonio José Romera Valverde
Bortolo Vale
Léo Peruzzo Júnior
Editores

Cesar Candiotto
Organizador do dossiê

